

MAIORIA FALANTE

JULHO/AGOSTO

um jornal de pavio curto

Cz\$ 20,00

ANO I n.º 3

MANGUEIRA:



SEM FANTASIA!

BISPO TUTU: A VOZ CONTRA O APARTHEID!



LESMA LERDA

Ainda estamos perplexos. Apesar do aumento de 300% nos custos de edição, nos obrigando a ajustes técnicos e operacionais, a equipe do MAIORIA FALANTE coloca mais um número nas ruas.

Pela primeira vez na história das crises brasileiras empregados e patrões distinguem um inimigo comum: o caos nacional. A inflação não é contida. O sistema financeiro se debate em

agonia. Os salários são corroídos por um cupim voraz. As autoridades constituídas são ineficazes e impotentes no trato e no controle da coisa pública. O Brasil, tido na contabilidade internacional como a oitava economia do mundo, não consegue carregar o seu próprio fardo de subdesenvolvido. As crises cíclicas do capitalismo deixam feridas incuráveis nas nações do Terceiro Mundo. Os retrocessos sociais, políticos e econômicos, se materializam no cotidiano pelo autoritarismo, pela cor-

rupção, pelo desrespeito aos códigos éticos e morais da sociedade.

Não há cartas para por na mesa, nem luz no fim do túnel. Seria a Constituinte?

A desarticulação do povo brasileiro diante de tamanho caos é preocupante. A megalomania do Projeto Calha Norte e da Ferrovia Norte-Sul, nos faz lembrar da Transamazônica, o Projeto Jari e as tramas da Capemi. Como se não bastasse, uma nova seca se alastra pelo

nordeste, num prenúncio de muito sofrimento. Já vimos esse filme e o mocinho — o povo — morre no final, enquanto o bandido, depois que sai do cargo público, recebe pensão vitalícia.

O MAIORIA FALANTE permanece atento e junto, abrindo caminhos para reflexões e atitudes que não devem ser traduzidas como tentativas de sobreviver mas, acima de tudo, como um gesto de respeito à vida e à dignidade humanas.

PRA QUE SERVE RACISMO E MACHISMO?

Racismo e machismo refletem dois processos de dominar pessoas, tornando-as passivas e cúmplices dessa dominação. Essas duas ideologias se fortalecem na organização da vida econômica da sociedade, e se mantêm vivas através da cultura dessa mesma sociedade. Um sistema econômico que tem no lucro seu principal objetivo precisa que a maior parcela possível da população permaneça desqualificada para fazer o trabalho de 3 pelo preço de 1. E, para manter essa população explorada, lança mão de mecanismos ideológicos que a tornam passiva. Em qualquer processo de dominação não basta dominar. É preciso que a pessoa aceite o estado de dominada como coisa "normal", como uma "sina", como um castigo que ela merece por sua própria culpa. Somente dessa forma eles impedem qualquer revolta. E, sem isso, a dominação não se estabelece, a exploração não se concretiza.

Mas, como fazer isso? Os aparelhos ideológicos do Estado (escola, religião, família, meios de comunicações, etc.) que estão nas mãos dos dominantes, tratam de "espalhar" que aquela parcela de pessoas (negros, mulheres) está dominada porque é incapaz devido sua inferioridade natural. Colocam as diferenças de sexo e de raça em evidência. Dizem que essas diferenças são desigualdades e tratam de nos privar das

condições necessárias para provar o contrário. Quem não é a imagem e semelhança do elemento dominante (homem, branco) é seu inferior. E, antes mesmo de nascer, recebemos esta ideologia como verdade. A massificação dessa falsa verdade nos leva a aceitar o papel de elemento de segunda categoria. A aceitação dessa inferioridade autoriza nossa exploração econômica. Se somos seres humanos de segunda categoria, nosso trabalho é pouco valorizado e podemos nos pagar salários baixos ou nenhum salário. Se somos inferiores, não precisamos de nossa cabeça, apenas de nossos braços e de nosso corpo, que podem ser usados, sub-pagos, manipulados de acordo com a conveniência. A classe dominante trata de nos manter analfabetos, sem informação, sub-nutridos, sujeitos a doenças, para que a gente se convença de que somos inferiores e não que as condições em que vivemos nos torna menos aptos. Eles tornam biológico o que é sociológico. A classe dominante não paga ao trabalhador negro ou branco o suficiente para que ele possa arcar com as despesas de alimentação, habitação, saúde, transporte e lazer necessários para a renovação de sua força de trabalho. É o trabalho gratuito da mulher em casa (mãe, esposa, irmã, companheira, etc...), dentro de cada classe, que vai cobrir aquilo que o elemento dominante, na pessoa do patrão, não quer incluir no salário do

trabalhador, para não dividir seu lucro. A mulher negra já cresce numa situação de desvantagem em relação aos outros membros da sociedade. Ela recebe, desde que nasce, a informação de que a servidão está na sua natureza de mulher e de negra. E, porque permanece na ignorância, é alvo fácil dessa ideologia que vai atacá-la dentro de sua própria casa. A pressão que sofre de uma sociedade com valores diferentes daquilo que ela é, acaba levando-a a imitar o elemento dominante (cabelos alisados, homem da casa, etc...) como forma de reduzir os obstáculos de sua vida.

Tirar o elemento opressor de dentro de si mesmo é uma luta árdua. Exige a prática de refletir o dia-a-dia em conjunto com outros dominados até descobrir as causas históricas, sociais, culturais, econômicas que fazem parecer verdade o que é mentira; trabalhar o medo de perder seus privilégios, errar e começar de novo. Com o combate a nível de idéias (produção de contra-ideologia) vamos dar o passo qualitativo para enfrentar racismo e machismo conscientemente. Combate que, em primeiro lugar, deve ser preparado na reflexão em grupos. Em segundo lugar, atuando nas organizações e, em terceiro lugar, no processo de transformação da sociedade, preparado e exercido pela maioria explorada.

Pedrina de Deus

O BONDE NOSSO DE CADA DIA

26 de julho, às 18:30hs, na Praça Odilon Costa Neto SHOW COMUNITÁRIO DE SANTA TERESA, apresentando os seguintes grupos e artistas: David do Bonde, Sambossa, Paulão, Cão Sem dono, Bando de Cima, Mirabó, Mecenas Magno, Sindicato Suriname, Áurea Regina e Grupo, Barrosinho, Nelson Sargento, Raimundo Sodré, Mamur Ba, Letício Rocha, Rapaziada do Vista, Therezinha de Jesus, Gedivan, Cordão Umbilical, Raynond'd NKS, Osvaldo Tavares, Forrobodó, Paulo Humberto, Pedro, Jacaré, Messias, Beto Monteiro. Promoção: Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo.

VENDER?
COMPRAR?
TROCAR?
PRESTAR ALGUM SERVIÇO?
MAIORIA FALANTE
ANUNCIE CONOSCO

Fale com MADEIRA — Tel.: 266-4545
— BIP 4328

JORNAL MAIORIA FALANTE

CAIXA POSTAL Nº 50.002 — Ag Carioca- RJ
CEP: 20.000 — (Nº 3.240 — Ag Centro
Florianópolis-SC — CEP: 88.000
Diretor Responsável: Nirlene Nepomuceno (Bebel)

Editor: Togo Ioruba
Edição de Texto: Dulce Tupy
Edição de Imagem: Baltazar Antunes Marins
Ilustração: Krisnas
Fotografia: Sergio Estrela
Redação: Ele Semog, Eliane Potiguara, Hélio de Assis, Zaqueu Zé Bento
Revisão: Wilma de Oliveira
Administração: Julia Theodoro
Publicidade: Lourival Madeira
Distribuição: Marcos Lázaro
Colaboradores: Jeruse Romão (SC), José Carlos Limeira (BA), José Henrique (SP), Márcia (DF), Waldir Bertúlio (MT)
Conselho Editorial: Dora Bertúlio, Ele Semog, Eliane Potiguara, Hélio de Assis, Júlia Theodoro, Pedrina de Deus, Togo Ioruba, Wilma de Oliveira
Apoio: ASSEAF/Associação dos Ex-Alunos da FUNABEM
As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.



Se Pedro Álvares Cabral não descobriu o Brasil, quem vem descobrindo e dilacerando esta nação tão rica nos seus 8.511.900 km² de área?

Numa primeira fase da colonização, os índios chegaram a ser escravos. O cacique Aticaya, no século XVI, sul do Brasil, com toda a sua família, após uma luta derrotada, jogou-se do alto das rochas, morrendo todos numa prova de resistência contra o prenúncio que sentiam: o etnocídio de 5 milhões de habitantes primeiros nesta terra.

Numa fase imediata, os negros seriam radicalmente dominados e massacrados; e hoje toda a população carente brasileira é mão-de-obra escrava: negros, índios, caboclos, brancos, trabalhadores rurais e urbanos marginalizados.

CALHA NORTE: MAIS UM PROJETO "FURTURISTA"



Setembro KRISNA 87



sendo o caminho para os povos índios e é preciso uma greve indígena!

Mas, segundo o general de brigada Rubens Bayna Denys, secretário geral do CSN, o projeto propõe: "aumentar a presença militar na área (aeroportos, casernas), demarcar definitivamente a fronteira, redefinir a política indigenista desta região; construir hidroelétricas, implantar projetos econômicos e polos de colonização."

Baseados no folheto, lançado pelo CIMI Norte I e II (Conselho Indigenista Missionário), esse projeto é de natureza bélico-militar (que vai dar segurança externa). Abrange também uma área de fronteira de 6.500 km entre Tabatinga (AM) e Oiapoque (AP) ao norte dos rios Solimões e Amazonas, atingindo 14% do território nacional e cinco países limítrofes (Venezuela, Colômbia, Suriname, Guiana Francesa e República Cooperativa da Guiana).

física e psicológica. A presença desses grupos deixa o fantasma do extermínio étnico, apoiado pelos governos Municipal, Estadual e Federal.

Este ano serão retiradas 20.000 toneladas de Cassiterita daquela área onde estradas serão construídas, onde milhares de trabalhadores pobres à procura da sobrevivência

perdidas neste investimento. E quem perde? O povo índio e o bolso carente da população brasileira!

O projeto Calha Norte custará ao governo, por enquanto, 45 milhões de dólares e como a política governamental do Estado do Amazonas é altamente reacionária, pois os políti-

Todos os grandes tratados, acordos, projetos desses 4 últimos séculos, inclusive o grande projeto militar que deixou o nosso país num dos períodos mais sangrentos da História, todos — sem exceção — foram articulados e financiados pelo grande capital, pelo grande monopólio, pelo grande latifúndio e pelas multinacionais.

Para cada avanço da tecnologia (hicl, afinal pra que nos serve a bomba nuclear?) a presença do massacre, a miséria do povo brasileiro.

Qual será o destino dos cinquenta mil índios que vão ser atingidos na sua integridade social, cultural e física na região norte do Brasil, agora com o PROJETO CALHA NORTE?

O ministro Rangel Reis no governo Geisel afirmou, em 1976, que "a sua meta era reduzir para 20 mil os 220 mil índios existentes no Brasil; e dentro de 30 anos, todos estariam integrados". O que é estar integrado social e politicamente se não ser mendigantes, marginalizados e exilados em seu próprio país? Este está

O Estatuto do índio, lei nº 6.001, da Constituição, reza uma série de direitos às populações, apesar de suas falhas. No entanto, essa lei não tem sido respeitada. As invasões às terras indígenas por mineradoras, fazendeiros, grileiros, garimpeiros, por exemplo, vêm deixando as populações em estado de completa tensão

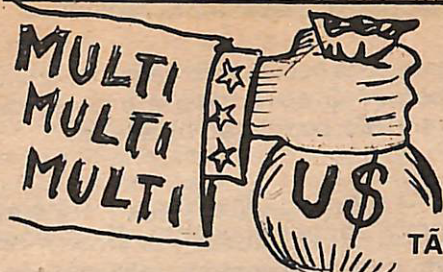
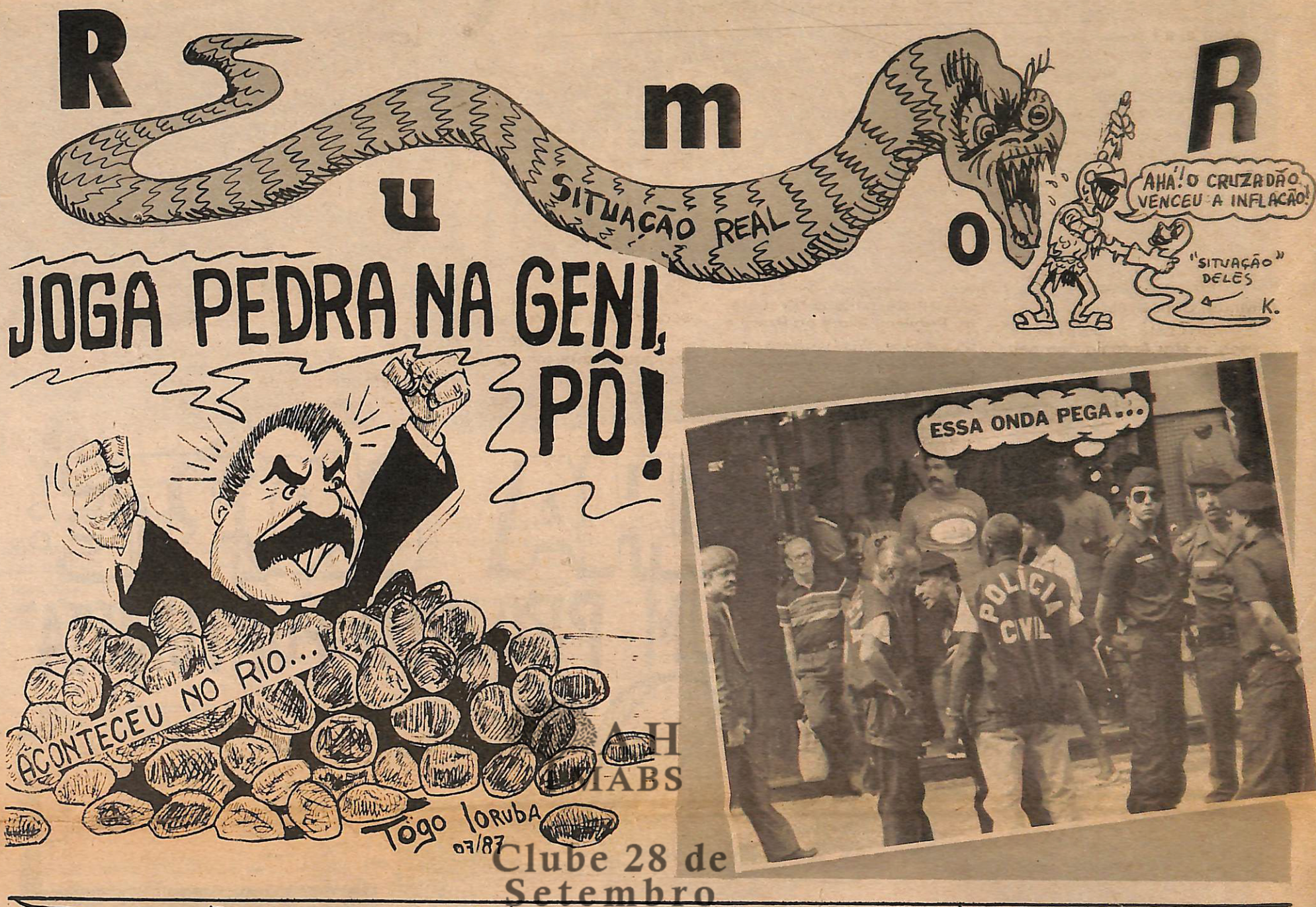


vão, certamente, ser levados a invadir a área dos Yanomami, por total desconhecimento de causa.

Toda a Região Amazônica está repleta de projetos futuristas. Antes era a gigantesca Transamazônica, que cortava as matas nortistas. O projeto faliu. Imensas verbas foram

cos são os grandes latifundiários que sempre vencem as eleições, pergunta-se: O projeto Calha Norte representa uma segurança, uma ameaça para os brasileiros; ou o enriquecimento rápido de setores preocupados com o (sub)desenvolvimento desta nação?

Eliane Potiguar



TÃO VENDENDO O BRASIL COM A GENTE DENTRO*

"Esse negócio da mãe-preta ser leiteira/já encheu sua mamadeira/vá mamar noutro lugar" (Batatinha)
Hélio de Assis

Não acredite se não quiser mas, algumas empresas multinacionais detêm, hoje no Brasil, a propriedade de terras maiores que o território de alguns países europeus. Campeã entre estas empresas, a MANASA-Madeira Nacional domina um latifúndio nos municípios de Labrea e Guarapuava (AM), cuja área é de 4 milhões 767 hectares, sendo 1 milhão 281 mil hectares devidamente registrados e 2 milhões 302 mil 554 hectares de posse.

A MANASA é dona de uma área maior que a indígena, senhores! Maior do que a BÉLGICA (3 milhões 51 mil 900 hectares), HOLANDA (3 milhões 351 mil 900 hectares) — ou a SOMA da extensão territorial das duas ALEMANHAS (a Ocidental com 2 milhões 487 mil 60 hectares e a Oriental 1 milhão 83 mil 330 hectares). Como se não bastasse, para alegria e gaudío da "nossa" MANASA, ela ainda é proprietária de outros imóveis no país, totalizando 556 mil 638 hectares, das quais somente 89 mil 709 registrado; o resto... bô, o resto é posse. Enfim, somos um país possuído.

O segundo maior detentor de terras no Brasil, levando o título de "o latifúndio de prata", é a empresa Jari Florestal e Agropecuária Ltda., que "nos" possui em 2 milhões 918 mil hectares no Pará (município de Alme-

rim). Em terceiro lugar, latifúndio de cobre vem aí, a APUB-Agroflorestal Amazônica, com 2 milhões 194 mil e 374 hectares nos municípios de Jutai e Caruari (AM, "nossa" velha Amazônia) e, é claro, mais 665 mil 710 hectares em outras regiões brasileiras.

AS VELHAS TETAS DA MÃE PRETA

É sempre bom lembrar que no Brasil não existe limites para aquisição de terras, por isto existem 512 donatários com mais de 50.000 hectares (estes são os verdadeiros donos do país), que, somando-se, totalizam 62 milhões de hectares (em sua maior parte, terra improdutiva). Os moços têm uma área superior aos estados de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul juntos! Os 512 donatários, têm em terras a extensão da Bahia e Pernambuco juntos!

É sempre bom lembrar que o máximo que cada proprietário de terras pôde ter no país é de 60 módulos. Só a MANASA tem 40 mil 249 módulos, em Labrea e Guarapuava.

Estes imóveis estão distribuídos assim: 225 na região norte, 163, na centro-oeste, 11 na nordeste e 4 na sul.

Cabe acrescentar que a legislação ambígua abre brechas para o latifúndio que, ao ser atingido pela desapropriação (quase nunca), podem entrar (e entram) com ações na Justiça, impedindo a posse destas terras.

*copy Henfil
Dados retirados do Boletim da AND-Brasília.



DÍVIDA EXTERNA

Um fato histórico aconteceu na UNICAMP (Universidade de Campinas-SP), entre 18 e 25 de maio deste ano: a Conferência Latino-Americana e Caribenha Sobre a Dívida Externa, com representantes de 56 Centrais Sindicais e Sindicatos de 25 países da América Latina e Caribe, onde foi discutida amplamente a deterioração da vida, saúde, habitação, trabalho e educação dos povos latino-americanos, caribenhos e, por extensão, todos os demais do Terceiro Mundo, causada pela gigantesca dívida externa, que hoje alcança 382 bilhões de dólares, sendo de 1 trilhão o montante da dívida dos países do Terceiro Mundo.

A Conferência se colocou contra o pagamento e comprometeu seus esforços para que este objetivo seja assumido soberanamente pelos povos, a fim de encontrar os caminhos para sua concretização.

A ação dos trabalhadores e dos povos, baseada na unidade, constituiu a legítima resposta que deve cortar pela raiz os vorazes apetites imperialistas e exige a solidariedade dos trabalhadores dos próprios países desenvolvidos, assim como a unidade de todos os povos do Terceiro Mundo.

(Dados extraídos do Boletim Nacional da CUT)

SOLANO TRINDADE

Vem aí a I Semana Cultural Afro Solano Trindade da Zona Oeste do RJ, em homenagem aos 79 anos de idade que o poeta negro Solano Trindade completaria este ano. A se realizar no CIEP da Rua Alcides Bezerra, no Realengo, de 20 a 25 de julho, a homenagem inclui exposição de fotos, dança, poesia, debates e outras atividades. Entre os convidados estão personalidades como o escritor José Louzeiro, o ator Milton Gonçalves, o jornalista Haroldo Costa, o poeta Ele Semog, o ator Antonio Pompeu, Clea Simões, Dr. Justo de Carvalho, Helena Theodoro e outros que já confirmaram a sua presença. A semana está sendo organizada pelo Centro Cultural Solano Trindade, fundado há seis meses, que já vem promovendo encontros com a comunidade. Antes do centro, esta já tradicional semana era realizada pelo Grupo Negrícia, de poesia e pelo Grupo Vissungo, musical. São iniciativas que visam a difusão da vida e da obra de Solano Trindade, um dos maiores poetas da literatura brasileira e pouquíssimamente conhecido.

Nascido em Recife em 24 de julho de 1908 e falecido numa casa de saúde no Rio de Janeiro em 19 de fevereiro de 74, em toda sua vida Solano lutou pela valorização da cultura, sem discriminação. Ao lado de amigos e intelectuais como Abdias do Nascimento, Grande Otelo, Jorge Amado Bruno Giorgi, Antonio Bandeira, Paschoal Carlos Magno, Barbosa Leite e outros, foi poeta, treatólogo, folclorista, humanista, pintor e coreógrafo. Publicou livros no Brasil e no exterior: *Poemas para uma vida simples*, *Seis tempos de poesia* e *Cantares ao meu povo*. Dois de seus poemas — "Mulher Barriguda" e "Tem gente com fome" — foram musicados por João Ricardo e gravados por Ney Matogrosso; o primeiro em 72, quando Ney fazia parte do grupo Secos e Molhados e o outro, uma autêntica obra prima de Solano, no disco *Seu Tipo*, em 79. Sendo um dos raros intelectuais de sua época a erguer a bandeira contra o racismo, Solano fundou o Centro de Cultura Afro-Brasileiro e, ao lado de Haroldo Costa, criou o TPB/Teatro Popular Brasileiro.

Situada numa área correspondente a 47% da área total do Município do Rio de Janeiro, a Zona Oeste é uma das regiões mais pobres do Estado, semelhante a Nova Iguaçu e Caxias, na Baixada Fluminense. A localização do Centro Cultural Solano Trindade, na Zona Oeste, nesse sentido, reveste-se da maior importância, pois além da carência urbana, da falta de transporte, saneamento básico, escolas, hospitais, etc — a região se ressentida da total falta de estrutura para qualquer tipo de evento cultural. Junto com os moradores da região, a presidente do Centro Cultural Solano Trindade pretende criar uma biblioteca, cujos exemplares de livros a serem doados já poderão ser remetidos para a sede provisória do centro, na Rua Basalto 48, bloco 26, apartamento 505 (Realengo), a própria casa de Eva, que vem realizando esse trabalho cultural, comunitário e político — contra a discriminação racial — desde 78 — com apoio do *Jornal de Realengo* e do *Projeto Independência, Arte e*



Eva, presidente do Centro Cultural Solano Trindade



Um poeta da linha de frente

Cultura, da 17ª RA de Bangu, o Centro Cultural já dispara com a I Semana Solano Trindade a polêmica reflexão sobre a chamada "libertação" dos negros brasileiros, declarada "oficialmente" há 99 anos atrás, mas jamais concretizada efetivamente.

Clóvis Corrêa



ORGASMO FEMININO UMA VISÃO POR CIMA

1) Das experiências que vivi, algumas factíveis e outras não, gostaria de registrar três afirmativas sobre o orgasmo feminino: "orgasmo não é gozar? Não é isto que a gente fez? Eu sei que gozei porque eu fico assim, feliz, parecendo que estou num sonho." (23 anos, primário completo, operária numa fábrica de jeans). "Orgasmo não se resume ao ato sexual, nossos corpos são meros instrumentos de uma expectativa em relação ao mundo exterior, que buscamos materializar quando nos encontramos." (38 anos, fez mestrado, fez resistência política, fez bioenergética, fez análise e vai à Europa todo ano). "Fazer um amor completo, ter um orgasmo com um homem, só é possível quando ele conhece o nosso corpo e o corpo dele, quando ele não se assusta com as diferenças entre um orgasmo clitoral e um orgasmo vaginal." (52 anos, uns olhos tristes, vivos, arquiteta).

2) O machismo quando expresso sob a ótica simplista das emoções carnis, induz os ignorantes a crer no subjugio físico e material do homem sobre a mulher, ocultando os elementos fundamentais da economia social, onde a mulher se faz presente com a responsabilidade pelo fluxo educativo na formação doméstica dos indivíduos, na introdução das bases culturais, na sustentação moral e religiosa. Tudo isto significando trabalho e, consequentemente, participação coletiva.

3) Um dos artifícios que o lobby feminino têm usado contra o machismo, é afirmar que um número significativo de mulheres não atinge o orgasmo nas relações com os seus parceiros, culpando-os por essa frustração fisiológica.

As pesquisas que constatarem tais ocorrências permitem que nos reportemos a alguns aspectos consolidados pela história da humanidade, que efetivamente são determinantes do fracasso feminino, senão o individual, com certeza o coletivo. Nesses casos as soluções são até banais: deve-se procurar um médico, ou fazer uma revolução.

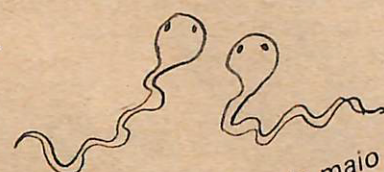
QUE LOMBO

4) Por mais céticos que os progressistas sejam com relação ao machismo — inclusive eu — não se pode negar que ele foi a mola propulsora da evolução ocidental (se é que se pode chamar de evolução), no que se refere à concepção dos sistemas filosóficos, sociais, produtivos, religiosos. Por tal o papel da mulher esteve definido, por centenas de anos nas funções domésticas, dentre as quais a de servir como objeto de reprodução, e sem direito a *espasmos* horizontais.

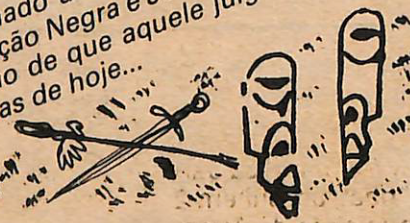
5) Nesta visão por cima do orgasmo feminino, registro a minha consideração por umas poucas pessoas que ultrapassam esse caos de idéias, de ponderações, de enfrentamento físico, e que, como se fosse estranho, se dão e se completam e se permitem, respondendo apenas com o corpo e com a psique, àquilo que a ideologia do egotismo insiste em inibir, ou seja: uma completa e exagerada F...

6) O orgasmo do outro é o único fundamento da vida. É a essência do nosso próprio sentido e em essência o nosso próprio orgasmo.

Ele Semog



Foi lançado no mês de maio pela OAB/RJ e Editora Expressão e Cultura, o livro "Insurreição Negra e Justiça" escrito por João Luiz Pinaud, Jeannette Garcia, Maria Candida de Souza, Carlos Otávio Andrade e Salette Neme. O livro trata do conluio do poder escravagista com o aparelho judiciário do Estado, onde o escravo Manuel Congo um dos fundadores do Quilombo de Pati de Alferes, é assassinado à luz da justiça, no ano de 1938. Ao ler "Insurreição Negra e Justiça" não se preocupe com a sensação de que aquele julgamento está acontecendo nos dias de hoje...



LITERALMENTE ASSIM

Luizinho Gomes

• Circulando em Porto Alegre e já invadindo o Rio e São Paulo, o livro *DISCO* by Ronald Tutuca e I. Hingo, poetas do extremo sul onde se guarda e se expõe as grandes novidades brasileiras.

• No Rio foi lançado, na Casa de Cultura Laura Alvim, o livro *NEGRO E CULTURA NO BRASIL*, de Helena Theodoro Lopes, José Jorge Siqueira e Maria Beatriz Nascimento, historiadores negros, que há muito vêm trabalhando pela elucidação da brasilidade. O livro compõe a pequena *Enciclopédia da Cultura Brasileira* e foi possibilitado por um convênio entre a UNIBRADE e a UNESCO. *NEGRO E CULTURA NO BRASIL* deve ser lido com acuidade, pois alguns dos seus capítulos se reportam a fontes que não representam mais nada em termos de entendimento das soluções e da criação dos negros no Brasil contemporâneo, embora abra caminhos para reflexões.

• Eustáquio José Rodrigues com *CAUTERIZAI O MEU UMBIGO* e Ele Semog com *CURETAGEM*, no primeiro lançamento de autores negros da Livraria EBOH, deram um toque especial para Sampa, onde a solidariedade, o carinho e o sentido de responsabilidade foram a tônica do lance. Compareceram: a comunidade afro-literária paulistana, representantes governamentais, representantes do Movimento Negro, representantes da comunidade empresarial e nós, que participamos da festa até às 6 da manhã...

• Outra dica que deixamos para vocês é o livro *UMA CONVERSA INFORMAL SOBRE HOMOSSEXUALISMO*, de Rita Colaço. O livro aborda temas como o que é homossexualismo; repressão na família e na sociedade e movimento de libertação homossexual. Pedidos pela Caixa Postal nº 76232 — CEP: 25.001, Duque de Caxias-RJ.

• Será lançado no próximo dia 24 de julho, na Livraria e Editora EBOH (SP), o livro *PERFUME DA RAÇA*, de Beto Correia (SP), Klassius Amin (BA), Marta André (MG) e José A. Ferreira (RO). O livro reúne estes quatro autores, negros com seus poemas *ANTI-APARTHEID*. Vem em homenagem a WINIE MANDELA (África do Sul), pelo seu espírito de luta e razão de defesa ao povo negro que a todo instante sofre restrições do Governo do país, na pessoa do Sr. BOT(H)IA.

MANGUEIRA: uma

Muita gente pensa que pobre só se organiza para brincar o carnaval. Essa mentira é fabricada pela imprensa patronal que defende os grandes interesses. Com isso, as comunidades ditas "carentes" são rotuladas como locais de crime e violência e quase sempre como locais de samba... O MAIORIA FALANTE pretende, com esta matéria, mostrar a luta dessas comunidades por melhores condições de vida. Neste número, entrevistamos uma

associação de moradores da Mangueira onde existem outras duas associações, cada uma correspondendo a uma determinada área do morro. Os nossos entrevistados são o presidente da Associação de Moradores do Buraco Quente, Israel e a secretária Mariléia. A Associação dos Moradores da Candelária é presidida pelo Jorge Arruda. Nos Telégrafos é o José Roque. Todos empenhados em dar um pouco de dignidade as suas comunidades.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Em 1857, a comunidade do Morro dos Telégrafos já existia. Mas foi em 1908 que o prefeito Serzedelo Correia despejou as famílias dos soldados do 9º Regimento da Cavalaria, situado na Gamboa, aumentando a população do que seria a futura Mangueira. O trem — transporte urbano — parava ali, bem perto dos manguezais, mesmo sem haver estação. O nome foi então pegando, pegando e ficou: Mangueira! Em 1916, um incêndio no Morro de Santo Antônio, no centro do Rio, forçou ainda mais o aumento da população da Mangueira. Em 35, a família Saião Lobato, descendente do Visconde de Niterói, tentou despejar os moradores mas a resistência popular foi mais forte. Em 1964, a Cia. Mercantil Vitória procurou expulsar os mangueirenses mais uma vez. Foi em vão. Hoje, os moradores mantêm de pé o direito à moradia. E mostram que, além do samba, Mangueira produz lideranças que dão o tom da vida popular.

MF — Como surgiu a Associação dos Moradores do Buraco Quente?

M — A Associação foi registrada em Cartório no ano de 1971 e os primeiros diretores foram o Celso, o Seu Osvaldo, depois a filha do Seu Osvaldo, a Silvina que foi presidente durante 4 anos e fez um trabalho cultural, com cursos de corte e costura, manicure, etc. Então veio o Iraci e, agora, o Israel. Foi aí que eu, a Ana e outros entramos e começamos a discutir mais profundamente a comunidade, o trabalho, mais voltados para o social.

MF — A comunidade reconhece a Associação como seu órgão representativo?

M — Reconhece sim. Quando nós entramos, tínhamos um programa de trabalho e o nosso primeiro passo foi a conscientização. Nossa prática foi o corpo-à-corpo, já que

não tínhamos os veículos necessários, e o próprio sistema nos dificultava muito. Hoje a Associação tem representatividade mas pouca participação. Os moradores vêm muito à Associação para reivindicar, pra cobrar, pra elogiar, pra xingar. Porém, pra participar das reuniões e dar continuidade a nossa luta, é difícil.

MF — Você acha que o sistema aliena o morador pobre?

I — Aliena, tranquilamente... O sistema nos coloca como meros tarefeiros. A gente não tem tempo pra nada. A gente só tem tempo aqui pra fazer obras. É obra do governo federal, estadual, municipal... Não nos dão tempo de colocarmos a dúzia de gatos pingados pra discutir o problema social e político do país. Pro sistema não interessa os politizados, só os paliativos, entende?

MF — Que tipo de conscientização vocês gostariam que proliferasse?

I — Eu vou dar um exemplo: o governo estadual está fazendo uma obra aqui. Ele está fazendo não

M — Quero que o morador reconheça o seu valor; apesar de ser um favelado, ele tem o seu valor. Muita gente pensa que ser favelado é porque Deus quer que seja assim... Portanto, essa é a conscientização que tem que ser feita. O favelado vive como favelado não é porque Deus quer mas é porque existe todo um sistema montado pra que ele viva assim. Então eu vivo num barraco e serei obrigado a viver num barraco para sempre? Por que o favelado não tem direito a estudar? Para mim conscientização é isso. É saber que tenho direito de lutar; esse é meu direito como trabalhador. Essa deve ser a conscientização dos moradores.

MF — E como isso tem sido feito?

M — O trabalho da Associação tem sido um pouco assistencialista porque os moradores só vêm aqui buscar: "eu quero isso, quero aquilo, olha o lixo, está despencando a minha casa, a Associação não vai fazer o meu esgoto?" Antes, os diretores da Associação e os moradores batalhavam junto e já estava



porque é bonzinho, é porque ele tem que fazer mesmo. A gente quer que o morador entenda que isso é dever do governo, que essas obras não são caridade, elas têm que ser feitas!

havendo aquela valorização. Ninguém esperava que alguém viesse aqui fazer as coisas, a gente mesmo fazia. Mas quando nós começamos a receber o trabalho do esgoto, através da Secretaria, isso mudou. E



certo que foi uma conquista não só da Mangueira mas de várias favelas no Rio de Janeiro, e nós conseguimos isso através de muita luta. Mas aí veio o esgoto e então o morador deixou de participar diretamente da obra e se acomodou. Por quê? Porque vem tudo de graça. O morador se aquietou dentro de casa.

MF — Esse de graça é relativo pois uma comunidade como essa também paga impostos...

I — O que se observa na nossa comunidade é que ela tem apenas um nível de participação momentâneo. Por exemplo: nós estamos com uma barreira caindo. Todo mundo se mobiliza com o problema da barreira. Resolvido o problema, todo mundo some da Associação. Se foi resolvido o problema da água, o problema da luz, o morador pára de participar; ele não dá continuidade. É tudo instantâneo.

MF — Isso significa que a Associação ainda não encontrou eixos políticos capazes de uma mobilização permanente?

M — Quando se coloca o trabalho político a nível de comunidade, a gente percebe como é difícil essa conscientização. Ainda estamos pelo lado assistencialista que não é o lado correto do trabalho.

I — Infelizmente, muitas vezes a gente tem que ir por esse lado mesmo, dentro do sistema que está aí, porque o próprio sistema usa essa forma.

MF — Aqui na Mangueira existem vários programas, como o da Secretaria do Desenvolvimento Social, que fez a obra das encostas, tem o Projeto Mutirão, tem o trabalho da LBA/Legião Brasileira de Assistência, tem a creche, a Casa da Criança, tem o ticket do leite, tem os contatos com a UERJ/Universidade Esta-

a luta sem fantasia



dual do Rio de Janeiro, tem o programa da CEDAE, de água e esgoto, etc. O que são esses programas prá comunidade?



de funcionários muito bom. Porém, aquilo tudo que a LBA prometeu — e está registrado em Ata — não está



I — Cada programa desses é uma forma de luta. Uns foram conquistas e outros foram meramente assistencialistas. A Casa da Criança foi fruto de muita briga. Em contrapartida, foi inaugurada a creche da LBA que chegou de forma assistencialista. Foi uma coisa eleitoreira, fundaram a creche em 30 dias, sem terem discutido antes com a comunidade. Só depois de muito diálogo eles conseguiram transferir essa creche para um prédio aqui do lado, onde está funcionando com um quadro

acontecendo. Os funcionários, por exemplo, não estão ganhando o suficiente; ganham menos que 1 salário-mínimo e não receberam o gatilho salarial. Estão há 10 meses na creche sem carteira assinada, sem direitos trabalhistas. E a LBA está empurrando com a barriga ...

M — Pelos cálculos do DIEESE/ Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas, o salário mínimo real deveria ser de quase 10 mil cruzados. A LBA paga aos nossos funcionários 1.029 cruzados, menos que o salário-mínimo vigente. O que se percebe é que o governo federal coloca uma coisa na televisão e você

vê funcionários ganhando isso.

MF — E a Secretaria do Desenvolvimento Social?

I — O Projeto Mutirão, da Secretaria do Estado, surgiu a partir de um Seminário no Maracanãzinho, onde foi discutido esse programa e foi aprovada uma verba para ser dividida entre as comunidades. Até o final do ano, pretendemos estender a pavimentação por toda a comunidade.

MF — E o problema do leite?

M — O que adianta o governo federal colocar o programa do leite pras crianças carentes? Prá mim isso não representa nada, porque o importante é dar um salário digno para as pessoas. Não é só leite não; tem pessoas que estão recebendo feijão, arroz, uma bolsa de mantimentos. Isso quer dizer: "comam isso e fiquem quietos no seu canto ..." Isso é condição de vida que se dê ao povo? Quando o governo oferece um salário mínimo que é menos de 2 mil cruzados, sabe que não há condição nenhuma de uma pessoa sobreviver. Se o povo começar a ver que o leite não é bom, que o governo tinha era que dar o salário justo, então seria diferente. O governo dá uma cartela de leite para cada família; o certo seria dar uma cartela para cada criança. Aqui na Mangueira uma cartela de leite é dividida entre cada 7 crianças. Então, alguém fica sem beber leite e a gente sabe que o pai não tem condições de comprar.

I — Isso veio de cima prá baixo; foi jogado na nossa cabeça.

MF — Vocês têm contato com duas universidades. Como é isso?

M — Quanto à UERJ, começamos esse contato há 1 ano e meio e estamos discutindo o trabalho que espero se realize, principalmente junto ao Posto Médico. Quando o posto for inaugurado e os médicos estiverem aqui, espero que façam um trabalho diferente do INPS, um trabalho de orientação. Aí vou começar a crer naquilo que hoje estamos conversando.

I — Quando a Reitoria nos procurou, confesso que não sabíamos o que era a UERJ e ficamos com um pé atrás. A partir do momento que a gente descobre que temos direito dentro da UERJ é lógico que vamos tentar nos posicionar. Mas a gente só vai ter uma visão mais ampla da Universidade quando seus profissionais estiverem trabalhando aqui dentro. Não basta apenas usar a receita médica, o que vale é o diálogo. Tem que haver respeito pela pessoa humana, pelo carente, palavra que eles colocaram na cabeça para definir o morador da favela.

MF — E a Gama Filho?

I — A Gama Filho já foi mais ligada à Escola de Samba e veio com uma visão diferente da nossa realidade. Posso dizer que eles tiveram boa vontade mas o trabalho não foi realizado, talvez até porque os estudantes não foram remunerados. Do que eles fizeram, restou o Departamento Jurídico e o Departamento Social, que não está a todo vapor porque depende muito da comunidade.

MF — A grande imprensa sempre faz uma abordagem do morro como lugar de marginais. Como é quando entra aqui no morro uma série de PMs ou a polícia civil, todos armados, com as armas engatilhadas no meio das crianças?

I — Existe uma violência muito maior que isso aí que é a violência em cima do povo sofrido. A violência aqui é proposital. É uma forma do Estado mostrar pra nós, favelados, que ele tem a força. Porque quando eles entram aqui são piores que os marginais. Os marginais pelo menos se unem muitas vezes num trabalho comunitário, de uma forma ou de outra. Agora, a polícia, só entra na base da violência. O policial quando entra na favela ele se transforma. Ele olha todo mundo como marginal, como bandido mesmo, como terrorista, como subversivo. E baixa o pau mesmo! No governo passado até que tivemos um pouco de tranquilidade. Quando mudou o governo do Estado, os próprios policiais passavam na porta do morro dizendo: "as coisas vão mudar ..."

M — Há pouco tempo, 2 rapazes foram assassinados, tirados de dentro da favela; um deles foi morto na rua. Eles entram na favela, fazem violência e o que nós podemos fazer? Nada! Eles matam tranquilamente e vão embora. Por que chamam esses rapazes de marginais? É a sociedade que os marginaliza. Se esses rapazes viviam como viviam é porque a sociedade fez tudo para que eles continuassem daquele jeito, eles não tinham como mudar de vida, por mais que quisessem. Eram discriminados. Não eram aceitos em lugar nenhum.

MF — Que fazer para mudar essa situação?

I — Uma luta geral, dentro das alternativas que existem hoje, dentro do movimento popular. Eu vejo que os partidos políticos têm sua própria autonomia e os sindicatos também. Mas as comunidades, de um modo geral, bairros e favelas, não! Quando as associações de moradores ou a federação começa a criar um sistema de reivindicação, de mobilização de massa, ou uma liderança, surge o partido político e suga logo esse elemento. Então eu

MAIORIA FALANTE

acho que, prá mudar, o movimento popular deve ter autonomia. Temos a FAFERJ/Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro e a FAMERJ/Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro. Seria lógico que ambas se unissem numa central desvinculada do governo, não é mesmo? E que tivessem um seguimento junto aos partidos, sindicatos, igrejas, etc. Através disso, nós poderíamos tirar pessoas para nos representar futuramente na câmara dos deputados, câmara dos vereadores, etc.

MF — Vocês concordam com a afirmação do governo do Estado de que o Conselho da FAMERJ estaria

se transformando num quarto poder?

M — A gente percebe que esse é o medo não só do governo estadual como do governo federal, porque as pessoas unidas têm poder e representatividade. Isso me preocupa muito, o importante é conseguir unir as forças das Associações de moradores de favela e de bairros pra lutar junto. Porque cada dia se vê a miséria crescendo e a coisa piorando cada vez mais.

— Há pouco tempo foi criada uma terceira federação de comunidades, mas eu não estou muito bem a par do que seria essa federação. Parece que é uma federação das associações autônomas ou coisa parecida. Isso é uma forma de desmobilizar

Eu acho que qualquer pessoa pode ter interesse em construir uma federação, mas é preciso que se consulte todas as associações existentes no movimento popular. Essa terceira associação está vinculada com a burguesia, para dividir. No nosso

M — Tenho esperança de que isso vá mudar um dia. Mesmo sabendo que nós retrocedemos uns 20 ou 30 anos com as últimas eleições de 86.

MF — Você acha que essas eleições foram compradas?



parecer, apesar de todas as críticas que temos contra a FAFERJ, com as dificuldades da FAMERJ, apesar disso nós queremos uma só FAMERJ forte e uma FAFERJ forte, unidas.

MF — Então vale a pena continuar lutando ...

M — É difícil falar sobre isso, mas de uma coisa eu tenho certeza: todo o dinheiro que tinha pra ser investido no povo foi investido na campanha política. Infelizmente nós sabemos que mais uma vez o nosso povo foi levado pelo dinheiro. Com o lançamento do cruzado I, o povo ficou

feliz sabendo que ia ter alguma coisa a mais. Mal sabia ele o que vinha por trás disso. E veio o cruzado II, logo depois das eleições. A gente sabe que toda nossa educação está instruída pra que a gente se iluda cada vez mais. Sem outro tipo de educação nunca teremos uma sociedade diferente.

I — Eu acho que o sistema capitalista não está suportando mais. Ele não tem mais gás para aguentar essa barra que está criando pra nós. Acho que vai surgir outro tipo de sistema. Não sei se é socialismo, se é socialismo moreno, não sei. Sei que o povo vai criar um novo sistema. Um sistema revolucionário ou coisa parecida.

M — Esse novo sistema prá ser criado ainda vai ter que morrer muita gente, seja rico, seja pobre. Porque não vai mudar de outra forma. A gente está sentindo que está voltando o clima dos anos 70, 74. A gente vê aí o Exército nas portas das empresas dizendo que é só pra proteger. Quando o governo colocou o Exército em frente às refinarias ele ia atirar ali? Não, de jeito nenhum, ele não é louco, não bebe tanto assim. Ele pode enganar o povo, mas não ia fazer aquilo.

I — Foi uma demonstração de força.

MF — Como você quer que seja a situação do trabalhador?

M — Quero ver os trabalhadores unidos e no poder.

Zaqueu Zé Bento

MULHERES FAVELADAS

cidadania ainda que tardia

Inicialmente, toda mulher era criada para casar, ter filhos e marido. Mas, com o passar dos tempos, a realidade mostra que ela só tem direito aos filhos, que o casamento jamais viria e que, na realidade, ela seria a chefe da família. É nesse momento que a cabeça da mulher favelada dá uma grande virada, pois ela assume os filhos com dificuldades, porém com muita dignidade. É ela que a partir deste momento

terá que carregar água antes de ir para a casa da madame, buscar alimentos para os filhos. A ela caberá, também, ficar longas noites nos hospitais sozinha, quando os filhos adoecerem. O que acontece frequentemente por causa das precárias condições higiênicas de suas moradias.

Vivendo esta situação de extrema exploração, a mulher favelada não tem outra alternativa a não ser se organizar.

CRECHES E ESCOLAS
COMUNITÁRIAS. LIBERDADE PARA
TRABALHAR E SE EMANCIPAR

Quando as mulheres pensam em trabalhar, logo encontram um grande problema: com quem deixar os filhos? Passaram a deixar com as vizinhas. Pela manhã, levavam leite e um pouco de comida para as crianças passarem o dia e, no final do mês, dividiam o seu "salário" com as mães crecheiras. Esta prática mostrou-se inviável: 1º porque o alimento deixado geralmente era dividido com os filhos das mães crecheiras. Conclusão: ninguém se alimentava; 2º porque o que a mãe

ganhava mal dava para o seu sustento, que diria para pagar outra pessoa.

Surge assim a idéia das creches comunitárias, que no princípio contavam com a ajuda da comunidade e de donativos de instituições filantrópicas. Aos poucos as mulheres foram entendendo que o governo deveria assumir efetivamente este trabalho. E, assim, surgem os programas de atendimento às crianças, tanto a nível do Governo Federal (LBA), Estadual (Selés — Casa

das Crianças) e Municipal (PAL — Programa Alimentar do Leite).

Com a conquista de apoio às creches, as mulheres conquistam, também, um espaço para discutir questões que vão desde a falta de água na comunidade, ao direito ou não à concepção. Estas discussões, inevitavelmente, levam as mulheres a tomar uma consciência política, que se expressa no seu engajamento nas associações de moradores, ou em grupos específicos de mulheres.

No momento, estamos travando uma séria discussão em relação ao plano do governo de planejamento familiar, onde algumas posições já são consenso, como por exemplo: — não à esterilização das mulheres; — os pobres não são responsáveis pela pobreza; — planejamento familiar: é a mulher quem deve decidir sobre engravidar ou não; — reforma agrária já! (assim a metade dos problemas estarão resolvidos).

Jurema Batista
Presidente da Associação de
Moradores do Morro do Andaraí

O Movimento das Prostitutas vem crescendo consideravelmente nos últimos tempos. Elas vêm participando de Encontros e Congressos, não só no Brasil, como no exterior.

Por tudo isso, Gabriela, que tem um projeto sobre as prostitutas no ISER (Instituto Superior de Ensino da Religião), vem lutando neste Movimento. Até o final do ano organizará um Encontro Nacional de Prostitutas. É importante conhecermos seu depoimento:

PROSTITUIÇÃO:



essa desconhecida conhecida

"Considerando um exemplo, o do movimento das prostitutas. No começo quase todo mundo exclamou: 'muito bem, as prostitutas têm razão em se revoltar. Mas, atenção, é preciso separar o joio do trigo. As prostitutas, tudo bem, mas dos cafetões não queremos ouvir falar!' E todo mundo se pôs a explicar às prostitutas que elas deveriam se defender, que elas são exploradas, etc. Tudo isto é absurdo! Antes de explicar qualquer coisa, seria preciso primeiro procurar compreender o que se passa entre as prostitutas e seu cafetão. Há o triângulo prostituta-cafetão-dinheiro. Mas há também toda uma micropolítica do desejo, extremamente complexa, que está em jogo entre cada polo deste triângulo e diversos personagens tais como: o cliente e a polícia. As prostitutas têm certamente muitas coisas interessantes a nos ensinar a respeito disso. E ao invés de persegui-las tinha-se mais é que subvencioná-las como se faz com os laboratórios de pesquisa. Quanto a mim, estou convencido de que é estudando toda esta micropolítica da prostituição que se poderia esclarecer, sob uma nova luz, pedaços inteiros da micropolítica conjugal e familiar; a relação de dinheiro entre o marido e a mulher, os pais e os filhos, e, mais além, o psicanalista e seu cliente." (Felix Guattari in *Revolução Moleculare*)

Foi-me pedido um texto sobre prostituição e eis-me aqui tentando escrever sistematicamente o que me passa pela cabeça. Resolvi começar com uma citação (longa por sinal) de Felix Guattari, com a intenção, não disfarçada, de já de início deixar claro por onde passa o que penso sobre a questão.

Logicamente, (escrever) para um jornal, mesmo sendo o MAIORIA FALANTE, sobre prostituição é bastante complicado. Complicado, por nossos óbvios preconceitos sobre a questão do corpo, complicado porque o prisma que abordo nada tem a ver com "recuperação", "vida normal para as prostitutas", "pecado social", etc., enfim, todas as famosas palavras normatizadas que comumente são usadas quando a questão é a prostituição. Palavra que eu prefiro usar com aspas, pois por trás delas estão todos os preconceitos sobre o corpo e a sexualidade há muito tempo embutidos no nosso ser.

Me lembro de quando comecei a falar em público: era muito aplaudida e conseguia, em certa medida, satisfazer a curiosidade intelectual dos que me ouviam. Só que quando eu dizia alto e bom som que não tinha a mínima vontade de abandonar a prostituição o espanto era geral e daí choviam indagações e questiona-

mentos sobre essa minha postura. Como também nunca consegui ficar impune à clássica pergunta: "Porque você foi parar nessa vida?" Como se essa vida fosse uma nódoa, uma mancha a ser limpa dependendo do bom desempenho de minha resposta, onde seriam julgadas consciente ou inconscientes, não sei, os meus motivos de ida para "essa vida". Assim, se eu respondesse: fui por fatores econômicos-sociais, ou, então, minha mãe me colocou para fora de casa quando fiquei grávida e eu não tinha opção, estava tudo bem, estaria dando a resposta esperada dentro dos melhores cânones da nossa filosofia de esquerda.

Por outro lado, se eu me aventurasse a dizer: "Fui porque queria conhecer, fui porque toda a mulher tem a fantasia da 'outra', fui porque queria viver o lugar do impuro. Daí, a situação ficaria difícil tão ou mais difícil do que a afirmação anterior: 'Não tenho a mínima vontade de abandonar a prostituição.' Assim, as respostas são explicitamente o reconhecimento do 'lugar do pecado', do 'lugar do errado' e, nesse momento, quando se toca nessa questão, não importa que quem está me ouvindo é uma pessoa de direita, liberal ou da esquerda. Todos se nivelam quando o assunto é corpo, sexualidade, moral.

Por muito tempo a prostituição enquanto profissão ficou no campo do quase ignorado, pois apesar do conhecimento da sua existência, era preferível colocar tal questão no campo do senso comum, ou seja, mais conservadores definindo-a como um mal necessário, e a "vanguarda, a esquerda" (que também são conservadores), definindo-a como um fruto do capitalismo selvagem preconizando seu fim, com a revolução proletária vitoriosa e a consequente sociedade ideal. Ponto final, assunto resolvido: por um lado o mal necessário, menos perigo para a virgindade de nossas queridas moças aptas ao casamento, por outro lado, a revolução e sua consequente classe, por definição revolucionária: o operariado. O resto, é simplesmente resto, a margem é a margem, ou então, lendo-se nas entrelinhas: revolucionário também tem sua esposa normatizada: "a mulher direita", Revolucionário também tem filha virgem a ser preservada. Eis eu novamente tentando juntar os nossos preconceitos. Mil perdões.

Tentando não entrar nos valores normatizados da sociedade dominante, as prostitutas devem se organizar enquanto profissionais e daí mostrar o reverso da medalha de todo esse emaranhado de preconceitos morais, de todo esse medo do "assumir-se enquanto corpo".

Gabriela



SUL-SUDESTE

Realizou-se em São Paulo, no Sindicato dos Químicos, na Liberdade, nos dias 4 e 5 de julho, a segunda prévia — a 1ª foi no Rio — Militantes de diversas entidades e grupos do Movimento Negro do Rio, São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais, compareceram para a escolha da cidade que sediará o I Encontro de Negros do Sul-Sudeste — será no Rio de Janeiro, nos dias 10, 11 e 12 de outubro. Outras atribuições foram também esclarecidas, ficando o Estado de

São Paulo incumbido da produção dos botons; Espírito Santo, cartazes e os demais estados partilharam processos que garantirão a realização do evento.

Decidiu-se também que a 3ª prévia será em Vitória (ES), em data a ser divulgada.

Na 2ª prévia, vale registrar a ênfase dada pela delegação de Porto Alegre, no sentido de que o Movimento Negro e o Encontro em si se mantenham vigilantes na busca de uma prática política, sem os vícios da política brasileira. A 2ª prévia teve, também, o recado rápido e direto da Deputada Federal Benedita da Silva (PT), pedindo a assessoria do Movimento Negro propostas junto à Constituinte.

Assessora para Assuntos Afro-Brasileiros, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, a militante Thérèza Santos, também esteve dando sua solidariedade.

Outro que se fez presente, foi o dinâmico padre Batista — Conhecido por seu trabalho com crianças na Praça da Sé. O padre lamentou a pouca participação do Movimento Negro de São Paulo nas questões da juventude espoliada. Aliás, no Rio há o mesmo problema.

Para que este Encontro não seja apenas um evento, e venha significar uma tendência político-ideológica considerável, não só pelo cacife do "Sul-Maravilha", mas pela necessidade que se nota, do Movimento Negro Brasileiro, adquirir uma estrutura e um projeto político, capaz de solidificar as angústias e as

reivindicações do Negro brasileiro, sem os atrelismos e cooptações do oportunismo, mas se impondo como força capaz de transformar este país.

Esperamos que as entidades, grupos e cidadãos cada vez mais, informem-se a respeito do que será a próxima prévia — tel.: (021) 281-0560 — O Movimento Negro Brasileiro está se aproximando de um pensamento do Dr. Martin Luyher King — "que o Movimento Negro é extremista, não há dúvida. A questão é saber de que tipo. Se um extremismo para defender o seu espaço como classe média, ou extremista em lutar por uma transformação."

Cabará a participação dos negros do Sul-Sudeste, um passo consciente e seguro. A omissão poderá fortalecer o grande bajile dos 100 anos, da Abolição, sem a devida reflexão de que o anfitrião mora na Casa Grande.

A OUTRA FACE DO RACISMO

Por trás da visita do bispo sul-africano Desmond Tutu — Prêmio Nobel da Paz e incansável na luta contra o Apartheid — esconde-se uma intenção das classes dominantes brasileira: amortecer as denúncias do Movimento Negro Brasileiro quanto ao Racismo aos não brancos neste país.

Com isso, TVs, rádios, jornais *colonialistas* e *Itamarati* — os “garotos propaganda” da minoria que manda nesta terra, estarão querendo desviar a atenção da maioria pobre brasileira.

O bispo Desmond Tutu, luta contra a exploração dos pobres na África do Sul. Lá, como aqui, essa maioria pobre é composta por negros (e mestiços). A imprensa comprometida com os interesses da minoria dominante, vai tentar “tapar o sol com a peneira”, inventando questões religiosas (CANDOMBLÉ X PROTESTANTES), ou mesmo dando a entender que o negro brasileiro vive até muito bem por aqui, porque na África do Sul é muito pior — aquela velha estória “dos males o menor”



“MAIORIA NAS
MÃOS DO
PRESIDENTE DA ABI!”

E veio o bispo Tutu! De início correu a notícia de que ele seria afastado da comunidade afro-brasileira, sendo monopolizado pelos compromissos oficiais e religiosos. De fato, até certo ponto, isso aconteceu. Porém, driblando o cerco oficial, o bispo encontrou-se no Rio com a imprensa nacional e internacional — que até então não tinha tido acesso a ele — e concedeu sua única entrevista coletiva programada no Brasil. O jornal *MAIORIA FALANTE* estava lá e o bispo ficou surpreso com a capa do nosso número dois, sobre o Nelson Mandela, no exemplar que lhe foi oferecido. Depois, respondendo a nossa pergunta, disse que queria sim ouvir as vozes das vítimas do racismo em toda parte do mundo, inclusive Brasil.

Na mesma tarde em que foi recebido com o rufar dos tambores da Escola de Samba Vila Isabel na ABI/Associação Brasileira de Imprensa, no Rio, Tutu foi recebido por cerca de oitocentos representantes da comunidade afro-brasileira, onde foi homenageado pelo professor e ex-deputado Abdias do Nascimento e pelo ex-deputado José Miguel. Organizado por várias entidades do movimento negro, o encontro foi emoldurado pelo canto do coral Souza Marques e coral da ALERJ, sob a regência do maestro Sillas Sias. A peça *Congada*, de Francisco Mignone, foi bisada no final à pedido do bispo.

Na coletiva à imprensa, sob os auspícios do presidente da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, o bispo revelou toda sua habilidade política. Em apenas meia hora, deixou a impressão de magnetude que se vislumbra nos autênticos líderes. Nas respostas de Desmond Tutu, prêmio Nobel da Paz, uma síntese de seu pensamento libertário.

Mais do que nunca, o Movimento Negro Brasileiro precisará estar alerta, para não cair no “canto da sereia” do governo. Eles enxergam longe. Raça e classe começam a valer muito. E isto, para os grandes proprietários (tradicionais) o “processo democrático” deve ser mantido a qualquer preço. Desde que a minoria dominante continue com os monopólios.

Por que, apesar do imperialismo e esmagamento social que vivemos, é preciso cooptar alguns para afastar a hipótese de convulsões internas, de proporções imprevisíveis.

Togo Ioruba



Bem vindo BISPO TUTU, o que esperamos no regresso ao seu país é que leve a nossa solidariedade ao povo sul-africano. E diga alto e em bom som nas suas peregrinações contra o racismo e o Apartheid, que a maioria oprimida brasileira luta por uma unidade e pelo desmascaramento da tal democracia racial brasileira. A luta continua.

A ARAPUCA

O Governo brasileiro quer usar a visita do bispo TUTU para:

- esvaziar as REIVINDICAÇÕES DO MOVIMENTO NEGRO NA LUTA CONTRA O RACISMO no Brasil;
- iludir a OPINIÃO PÚBLICA, de tal modo, que a partir de 1988, com a cooptação de alguns expoentes negros saídos, ou de instituições públicas ou privadas servirão de "documentos vivos" das oportunidades dadas aos negros no Brasil — isto para forjar a idéia de que outras facções do Movimento Negro que denunciavam esta cooptação, passem a ser vistas como "baderneiros" ou "comunistas". Com isto, o governo pensa poder manobrar o Movimento Negro e faturar o seu eleitorado. O que confirma que o voto racial passou a ser uma preocupação para a burguesia moderada brasileira.

Pra quem ainda não percebeu, o Centenário da Abolição é o preparativo para o arrocho racial que vem por aí.

QUEM VIVER VERÁ

Daqui a 13 anos, estaremos no ano 2000. As estimativas oficiais são de que o crescimento da população negra aumentará consideravelmente. De tal modo que a minoria racista dominante já pensa (sempre com antecedência) em uma fórmula de garantir o seu "berço esplêndido".

O que começa a preocupar as classes dominantes, além do aumento populacional, mais pobre e mais endividado, é que tanto o negro, como o índio, símbolos dos "barrados no baile" da justiça social brasileira, cada vez mais procuram os partidos políticos e sindicatos, formas tradicionais de luta — o que poderá criar uma transformação de peso, no direcionamento político-ideológico.

Não é à toa que a burguesia moderada brasileira, através do governo, convidou o bispo TUTU.

ELEIÇÕES BRANCAS

"O resultado das eleições na África do Sul mostraram que os racistas não querem partilhar o poder. Eu tenho muita pena dos brancos, porque quando se recusa uma partilha, corre-se o risco de perder tudo! Acredito que os interesses dos brancos estariam melhor defendidos se fosse abolido o *apartheid*."

ANC

"O ANC/Congresso Sul-Africano é o principal movimento de luta africana e tem tradição de não-violência. Mas foi forçado à luta armada em 1960, quando foi banido. Não poderá haver uma nova África do Sul sem o ANC".

RACISMO

"Tem-se a impressão de que as pessoas pretas estão sempre no final da fila, em qualquer parte do mundo. Mas uma coisa importante deve ser frizada: é que o racismo aqui não está embutido na lei".

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS

"Por ocasião do encontro com o Ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré, fui ouvido com muita cortezia, mas naquele momento me dei conta de que não haveria ruptura diplomática com a África do Sul porque ainda se acredita aqui que se possa exercer influência sobre o regime do *apartheid*. Eu, pessoalmente devo declarar que fiquei muito desapontado porque acho que foi posto de lado uma das poucas estratégias não-violentas contra o regime da África do Sul".

LUTA ARMADA

"Acredito que as pessoas creem naquilo que querem acreditar. A minha posição é clara, consistente e coerente. Não sou um pacifista! Aliás, existem pouquíssimos pacifistas no mundo... Como o mundo ocidental poderia ter lutado contra o fascismo se fosse pacifista? Só quando se fala da libertação dos negros é que então os ocidentais acordam e se dão conta de que são pacifistas. É claro que sou amante da paz. Mas um tempo poderá chegar em que será justificável depor um sistema".

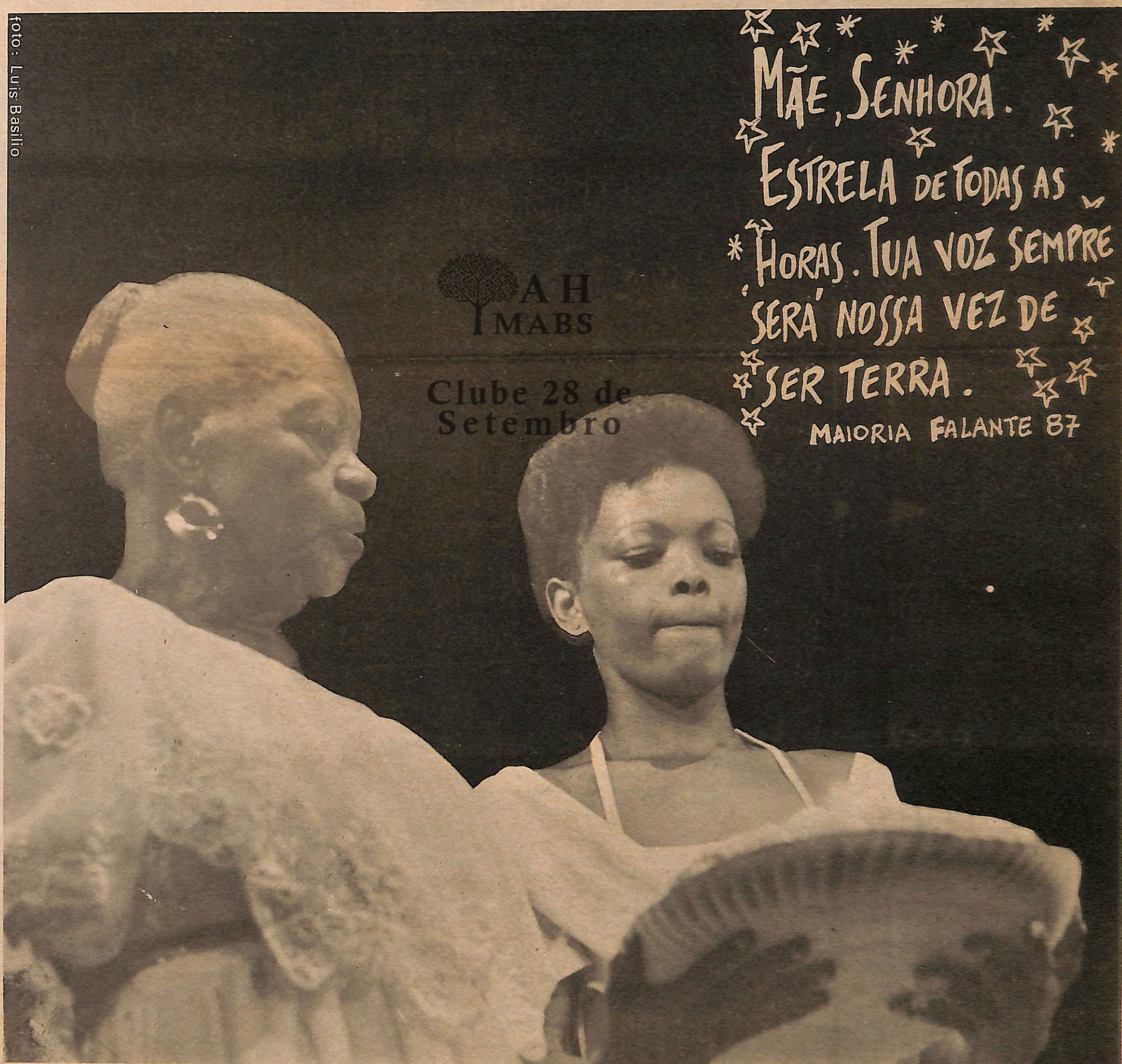
PROFECIA

"O meu paradigma é de natureza bíblica. Moisés foi informado de que deveria buscar uma aproximação com o faraó, mesmo que isso endurecesse o coração do faraó. Os profetas muitas vezes se dirigem aos reis mesmo quando sabem que os reis se negam a ouvi-los. Deus não cede perante ninguém".



MAIORIA FALANTE

foto: Luis Basilio



A H
MABS

Clube 28 de
Setembro

MÃE, SENHORA.
ESTRELA DE TODAS AS
HORAS. TUA VOZ SEMPRE
'SERÁ' NOSSA VEZ DE
SER TERRA.
MAIORIA FALANTE 87

Clementina e sua neta Sandra